

“FIGURANDO” O ESPORTE MODERNO: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE ESPORTE, VIOLÊNCIA E CIVILIZAÇÃO COM REFERÊNCIA ESPECIAL AO FUTEBOL

ERIC DUNNING*

RESUMO

Este artigo divide-se em duas partes distintas, porém inter-relacionadas. Na primeira parte são relatadas, de forma resumida, as descobertas básicas da *figuração* que mostram como a forma de futebol originalmente conhecida como Association Football desenvolveu-se, primeiramente, na Inglaterra no século XIX. Basicamente, o que é mostrado é como a rivalidade de status levou ao surgimento dos jogos de Rugby e Futebol, que começavam a se tornar mais civilizados que seus antecedentes medievais. Assim, apresento um resumo das principais características da teoria, às vezes mal compreendida, de Elias, a respeito dos processos civilizadores. O artigo termina com uma análise e diagnóstico figuracional do “futebol” ou hooliganismo no futebol, problema esse que continua sendo, às vezes, erroneamente representado como a ‘doença inglesa’, mas que já se transformou num problema de dimensão global. **Palavras-chave:** processos civilizadores, rivalidade de status, alternativa funcional, linhas de tensão, *figuração*.

ABSTRACT

This paper falls into two distinct but clearly inter-related parts. In the first, a summary is provided of the basic figurational findings which show how the ‘Association’ or ‘soccer’ form of football developed first of all in England in the nineteenth century. Basically what is shown is how status rivalry led to the emergence in that context of the soccer and Rugby games, both of which were then beginning to become more ‘civilized’ than their medieval antecedents. In that context, a summary is provided of the core features of Elias’s sometimes misunderstood theory of civilising processes’. The paper ends with a figurational examination and diagnosis of ‘football’ or ‘soccer hooliganism’, a problem which is still sometimes falsely represented as ‘the English disease’ but has now become a problem which is literally world-wide in scope. **Key-words:** ‘civilizing’ process(es); status rivalry; functional alternative; social fault-lines; *figuration(s)*.

* Professor Emérito de Sociologia da Universidade de Leicester. Estudou com Elias na sua graduação (1961-62) e dois anos como pós graduando. Após passar um ano acadêmico nos Estados Unidos, foi indicado para uma cátedra em Sociologia na Universidade de Leicester. Foi neste contexto que começou a produzir textos publicados com Elias os quais culminaram no livro *Em busca da emoção: esporte e lazer* no processo civilizador (segunda edição revisada, editora da Universidade de Dublin, 2008).

Um título mais adequado para este texto poderia ter sido: “De Leicester para Chester: Hooligans medievais no Rood Dee e seus similares na atualidade”¹. Este, ao menos indica, qual será o foco central de minha abordagem: o desenvolvimento correlativo do futebol e, em seu bojo, do hooliganismo como uma prática, em primeira instância, local e só mais tarde nacional e internacional. Entretanto, o que planejo fazer em um sentido mais profundo é examinar a “*figuração*” do esporte moderno em dois sentidos: (a) como as pessoas se configuraram – os padrões que elas formaram – nas atividades de lazer psico-físicas competitivas que têm sido chamadas de “esporte” desde o século XVIII; e (b) como sociólogos e outros “descobriram”, isto é, contribuíram para a compreensão e explanação de como e porque essas mudanças ocorreram e continuam a ocorrer no âmbito social do

esporte. Darei ênfase especial, como tenho feito ao longo de grande parte de minha carreira, ao futebol.

Sociólogos terão percebido que estou me referindo, através do termo “*figurando*”, à abordagem “*figuracional*” ou “*sociológico-processual*”, de Norbert Elias. Elias está se tornando cada vez mais reconhecido como um dos maiores sociólogos do século vinte. Parte disso se deve a seu trabalho pioneiro na sociologia do esporte. O fato de ele ter sido um importante pioneiro neste campo relaciona-se com sua negação da idéia de que fenômenos físicos têm menor valor que fenômenos intelectuais. Ele os enxergava como fenômenos interligados e iguais. Ele também argumentava que a compreensão dos movimentos e emoções é tão importante para uma compreensão completa dos indivíduos quanto o é a compreensão do pensamento, da racionalidade e dos sentimentos. De fato, Elias negava a existência separada de “corpo” e “mente”,

argumentando que a sociologia deveria preocupar-se com todos os aspectos dos indivíduos e suas vidas sociais. Permita-me o leitor citar uma ou duas palavras sobre a sociologia em termos gerais.

Provavelmente uma das características mais notórias da sociologia é que tendeu, ao longo dos anos, a sofrer uma descontinuidade como disciplina; descontinuidade em que as novas gerações frequentemente iam de encontro às abordagens de seus mestres/ professores. Uma das várias conseqüências negativas disto é que nós fomos reiteradamente forçados a "reinventar a roda" com profissionais que pensam que estão sendo originais ao repetirem o que seus predecessores disseram sem, aparentemente, se darem conta disso. Dois exemplos que me vêm à mente são a descrição das principais características "da teoria de desvio" de Durkheim (1895; 1964) e a antecipação teórica de Elias de muitos aspectos do pós-estruturalismo e do pós-modernismo – segundo o próprio, não são muitos – aspectos esses que tiveram longa validade.

Retomando o tema da descontinuidade, diria que uma de suas conseqüências, ainda, é a dificuldade de comunicação entre as gerações. Todavia, nós sociólogos figuracionais do esporte, em certa medida, conseguimos romper essa tendência e atingir um grau de continuidade intergeracional que talvez seja superado somente pelos marxistas. Em um livro co-editado por Joseph Maguire e Kevin Young, publicado em 2002, sugeri, no capítulo que me coube que houve até hoje cinco gerações de sociólogos figuracionais do esporte no Reino Unido, representadas por: (1) Norbert Elias; (2) eu; (3) Patrick Murphy, Kenneth Sheard e Ivan Waddington²; (4) Joseph Maguire e Grant Jarvie; e (5) Daniel Bloyce, Sharon Colwell, Graham Curry, Kenneth Greene, Katie Liston, Dominic Malcolm, Louise Mansfield e Andrew Smith.

Quais são as principais características da abordagem sociológica desenvolvida por Elias e compartilhada por estas cinco gerações de sociólogos figuracionais do esporte?³. No âmbito deste artigo, só há espaço para listar estas características centrais de maneira breve e resumida. São elas:

- (a) A convicção compartilhada de que, assim como o universo, os seres humanos e as sociedades por eles formadas são processos.
- (b) A idéia de que os processos vividos pelas sociedades tenderam até agora, especialmente no longo prazo, a serem "cegos" no sentido de serem, em grande medida, as conseqüências não intencionais de grande parte da soma dos atos individuais intencionais. Elias às vezes usava como metáfora da história a figura de um trem expresso fugitivo, a fim de ilustrar este ponto. Era sua esperança que o conhecimento sociológico nos ajudasse a submeter o "trem" da história a um maior controle consciente. Ele estava plenamente ciente, evidentemente, de que sua preocupação no que se refere à ausência de controle se contrapunha à autoestima das pessoas que querem crer que estão sempre no controle das coisas.
- (c) A idéia de que sociedades humanas consistem de indivíduos que são radicalmente interdependentes. Isto é, ao nascermos, como resultado de um ato de nossos pais interdependentes, ingressamos numa coletividade ou mundo social em rápida mutação, entretanto, estruturada, para cuja

formação não contribuimos, e que ocupa uma determinada posição no tempo e no espaço.

- (d) O poder é uma propriedade universal das relações humanas em todos os níveis de integração social, variando de um grupo de duas pessoas até a humanidade como um todo. O poder, de acordo com Elias, é: (a) função de laços de interdependência. Seu poder sobre mim é uma consequência do meu grau de dependência em relação a você; (b) uma questão de equilíbrios ou proporções; e (c) não se explica somente por fatores únicos como a propriedade dos meios de produção ou o controle dos meios de violência⁴. Elias também levou em consideração os recursos de poder corporal dos indivíduos como a força física e a intelectual e os recursos de poder estrutural das coletividades mensurados em grau de unidade grupal e coesão. Recursos de poder corporal, é claro, têm relevância central para a sociologia do esporte.
- (e) Elias enfatizou a necessidade de manter, na sociologia uma constante 'via de mão dupla' entre teoria e pesquisa. A teoria sem pesquisa, argumentava, é suscetível de ser abstrata e sem sentido; a pesquisa sem a teoria corre o risco de ser árida e descritiva.
- (f) Elias defendia que os sociólogos deveriam ter como sua preocupação primária contribuir e agregar valor a um conhecimento confiável estabelecido. Ele era vigorosamente contrário à intrusão da

política, religião e outras ideologias e valores na pesquisa social. Além disso, sugeria que, numa pesquisa sobre, por exemplo, o hooliganismo no futebol, deveríamos focar, antes de tudo, através de meios que ele chamava de "circundar sem engajamento", na construção de uma "realidade congruente" daquilo que o hooliganismo no futebol realmente concerne e como e por que é socialmente e psicologicamente gerado. Em seguida, através de um processo que ele chamava de "envolvimento secundário", deveríamos usar mais o nosso conhecimento da realidade para formular uma política ou conjunto de políticas mais realista e efetivo para lidar com o problema, do que aquele usado anteriormente.

- (g) E finalmente, para os presentes fins uma convicção compartilhada das cinco gerações dos sociólogos figuracionais do esporte é que a teoria de Elias dos processos civilizadores é o que ele chamava uma teoria geral através da qual uma variedade de fenômenos aparentemente diversos como esporte, alimentação, fumo e fogo possam ser inter-relacionados⁵. Permitam-me, rapidamente, oferecer uma prova /visão, do que implica a teoria dos processos civilizadores.

Contrariamente a um equívoco relativamente generalizado, Elias não usa o conceito de 'processo civilizador' de maneira fundamentalmente moral e avaliativa. Ele também costumava inserir a expressão "civilização" e seus derivados entre aspas a fim

de claramente assinalar isso. “Processo Civilizador” era, para Elias, um termo técnico. Ele não pensava que pessoas posicionadas num patamar mais avançado do processo civilizador como nós, por exemplo, em relação ao povo da Grã-Bretanha feudal ou da Alemanha ou França medievais, fossem em qualquer sentido “melhores que” ou “moralmente superiores” àqueles. Essa, claro, é a forma como, provavelmente, aqueles que se consideram civilizados se enxergam. Mas, como Elias costumava perguntar-se, podem as pessoas se congratular quando elas são as beneficiárias ocasionais de um processo “às cegas” de longo prazo para o qual elas não contribuíram pessoalmente? Dizer isso, é claro, não significa negar o fato. Como é o caso dos processos sociais de uma maneira geral, tanto há vítimas quanto beneficiários dos processos civilizadores.

A teoria dos processos civilizadores é igualmente teórica e empírica. Empiricamente, se fundamenta em uma ampla base de dados, principalmente no que concerne às mudanças de hábitos das elites seculares – cavaleiros, reis, rainhas, aristocratas da corte, políticos e senhores de negócios, o que não envolvia o alto clero – entre a Idade Média e Modernidade. Estes dados indicam que, nas sociedades da Europa ocidental – o foco principal de Elias eram a França, Alemanha e Inglaterra – um processo em longo prazo e não intencional ou “às cegas” ocorreu, envolvendo, principalmente, quatro componentes que se inter-relacionam:

(a) a elaboração e refino dos padrões sociais;

(b) um crescimento da pressão social sobre as pessoas para que exercessem um auto-controle mais rigoroso e mais contínuo, e mais intenso sobre seus sentimentos e comportamentos.

(c) uma mudança no equilíbrio da censura externa e da auto-censura a favor da auto-censura.

(d) um crescimento nos níveis de personalidade

e ‘habitus’ na importância da “consciência” e do “superpêgo” como reguladores de comportamento. Isto quer dizer que os padrões sociais tornaram-se mais internalizados e passaram a ser operados não apenas conscientemente e com um elemento de escolha, mas também abaixo dos níveis de racionalidade e de controle consciente.

Um aspecto desse processo abrangente, de suma importância para a compreensão do desenvolvimento do esporte moderno, tem sido o controle cada vez maior da violência no interior das sociedades, embora não atinja o que fora conquistado no que diz respeito às relações entre as sociedades. De acordo com Elias, essa domesticação da agressão ocorreu acompanhada de um longo declínio na capacidade da maioria das pessoas de obter prazer ao infringirem dor em terceiros e ao testemunharem atos de violência. A esse respeito, ele se refere ao arrefecimento da *Angriffslust* – literalmente a redução do ímpeto de ataque: ou seja, a domesticação do desejo consciente das pessoas de obterem prazer atacando terceiros e verem-nos sofrer, juntamente com uma redução da personalidade e *habitus* em suas capacidades de assim fazê-lo. Isto estaria relacionado, de acordo com Elias, ao crescimento da identificação mútua, isto é, na simpatia e compreensão recíprocas.

Os termos “violência” e “civilização” são popularmente compreendidos como antíteses. Entretanto, os processos civilizadores da Europa Ocidental eram vistos por Elias como resultados não planejados de disputas violentas pela supremacia, entre monarcas e demais lordes feudais. Estas disputas levaram à consolidação nas emergentes nações-estados europeias – em tempos distintos e de formas diferentes –, de monopólios estatais relativamente estáveis e efetivos no que concerne à violência e à tributação, que seriam a principal maneira de governar sociedades acima do

nível tribal. Os estados-nação modernos foram formados, em grande parte, por razões bélicas, mas seu monopólio sobre a violência e a tributação provou-se providencial a seus governantes não apenas em relação ao ataque e à defesa externos, como também em relação à pacificação interna. Ao passo que os estados-nação tornavam-se mais pacificados, a estrutura de personalidade e do *habitus* da maioria de seu povo tornava-se mais pacífica. Como veremos adiante, isso se reflete no que, como sugeri anteriormente, passou a ser chamado, por volta do século XVIII, de “esporte”. Evidências indicam que esse desenvolvimento em relação à terminologia, *habitus* e instituições de lazer começou a ocorrer, primeiramente, na Inglaterra.

Sintetizando a teoria de Elias, mesmo que sob o risco de excessiva simplificação, poderíamos expressar seu pensamento afirmando que ele acreditava ser um processo civilizador o desdobramento de cinco partes-processos interdependentes que interagem entre si. São eles:

- (a) formação do Estado.
- (b) pacificação sob o controle do estado
- (c) crescente diferenciação social e extensão das cadeias de interdependência.
- (d) crescente igualdade de oportunidades entre as classes sociais, entre homens e mulheres e entre as gerações mais jovens e mais velhas.
- (e) riqueza crescente⁶.

Elias também mostrou como, no curso de um processo civilizador, as disputas notoriamente violentas tendem a se transformar em disputas relativamente pacíficas por status, dinheiro e poder, donde na maioria dos casos, os impulsos destrutivos permanecem geralmente contidos sob os limites da consciência e não são traduzidos em ação concreta. Como veremos adiante, as disputas por status deste tipo tiveram importância fundamental na separação entre

o futebol e o *rugby* como formas de futebol. Esse seria um ponto de partida coerente para começarmos a examinar as contribuições figuracionais para o estudo sociológico do esporte.

Os estudos figuracionais ou ‘eliasianos’ na sociologia do esporte têm se dedicado, até o presente momento, a nove áreas, notadamente: o desenvolvimento do esporte moderno no contexto dos processos civilizadores europeus⁷; a centralidade sócio-cultural crescente do esporte assim como de sua comercialização, profissionalização e monetarização⁸; o hooliganismo no futebol e a violência do espectador e jogador no esporte em termos gerais⁹ a globalização ou propagação internacional do esporte¹⁰; esporte e gênero¹¹; esporte e raça¹²; esporte e drogas, e os aspectos sociais das lesões no esporte¹³. O alcance dos esportes abordados também ampliou-se e agora inclui: futebol, *rugby*¹⁴, críquete¹⁵, boxe¹⁶, baseball¹⁷, ginástica¹⁸, esportes motorizados¹⁹, tiro²⁰, e artes marciais japonesas²¹.

Dados os limites de extensão deste artigo, me limitarei a lidar com dois desses tópicos, particularmente o desenvolvimento do futebol e *rugby* e do hooliganismo. Começarei com algumas reminiscências autobiográficas.

Em sua introdução ao nosso livro de 1986, *Em busca da emoção*, Elias escreveu:

Quando começamos este trabalho, a sociologia do esporte estava ainda em sua infância. Bem me lembro de Eric Dunning discutindo comigo se a questão do esporte, e particularmente o futebol seria considerada pelas autoridades um tema respeitado de pesquisa nas ciências sociais, particularmente numa tese de mestrado. Creio que contribuimos um pouco para que esta abordagem ganhasse o seu respeito (ELIAS e DUNNING, 1986).

Isso surgiu em 1986, cerca de 26 ou 27 anos depois de eu ter realizado minha pesquisa de mestrado sob a orientação de Elias. Já durante os três anos em que como estudante de graduação freqüentava suas aulas, tutoriais e seminários, eu me sentia interessado pela abordagem de meu orientador. Além disso, seu estilo de orientação aberta, não-autoritária e prestativa, e acima de tudo as descobertas que me estimulou a realizar, levaram-me a confirmar duas coisas: primeiro, o sentimento de que eu estava sendo guiado na direção correta²²; e segundo, que ele mereceria uma reputação muito maior enquanto sociólogo do que aquela que ele tinha nos anos 1950 e 60. Decidi, desde então, dedicar minha carreira a trazer suas contribuições para a apreciação de um público maior.

Minha primeira tarefa como estudante de mestrado foi de levantar uma bibliografia sobre a sociologia do esporte. O ano, entretanto, era 1959 e minha pesquisa literária destacou somente um item relacionado ao vocábulo “sport” em inglês que era inequivocamente sociológico: a mais recente dissertação de Gregory P. Stone “American Sports: play and display”²³. Quando relatei isso para Elias, ele respondeu: “Não se desespere, senhor Dunning”. – As universidades britânicas eram muito mais formais naquela época do que hoje. – “Veja se há alguma história dos esportes. Comece com o seu favorito, futebol”. Segui seu conselho e descobri que duas ou três histórias do futebol foram escritas. Fiz o pedido à biblioteca da Universidade e comecei a leitura das mesmas²⁴. Foi assim que o plano da minha dissertação foi ganhando forma. Todos os textos que li sugeriam que os jogos modernos de futebol – futebol, *rugby*, regras americanas, galesas e australianas – se desenvolveram a partir de seus antecedentes britânicos, irlandeses, italianos e daqueles do norte da França, que eram significativamente mais selvagens e menos regulados do que

nossas formas modernas. Os textos também concordavam em sugerir que as escolas privadas e as universidades, com destaque para Cambridge, tiveram um papel fundamental neste desenvolvimento.

Por falar e ler alemão, eu já tinha dado uma olhada na biblioteca, ainda como estudante de graduação, no segundo volume do livro de Elias intitulado em alemão; “Über den Prozess der Zivilisation” em português, *O processo civilizador*. Descrevi então o que lera e falei para ele: “Sr. Elias, seria esse um exemplo de um processo de civilização ao qual o Sr. dedica seu livro?”; Ele respondeu: “Sr. Dunning, eu não sei. Você terá de ler meu livro e então o ajudarei a formular um programa de pesquisa que o auxiliará a descobrir”. Minha pesquisa em grande medida confirmou sua teoria, assim como o fez pesquisa posterior de Kenneth Sheard sobre o *rugby*, por mim supervisionada²⁵. Basicamente, o que estávamos testando resume-se no seguinte trecho retirado da tradução para o inglês de *O processo civilizador*, editado por mim, Johan Goudsblom e Stephen Mennell. Elias escreveu (nas sociedades “modernas”, “civilizadas”):

(...) beligerância e agressão encontram um espaço socialmente tolerante em competições esportivas. São expressas especialmente ao se “assistir” tais competições (como, por exemplo, as lutas de boxe), e através da imaginária identificação com um pequeno número de lutadores aos quais é dado um moderado e controlado espaço para que dêem vazão a tais impulsos. “Viver” os impulsos assistindo ou mesmo simplesmente ouvindo (por exemplo, ouvindo um comentarista no rádio), é uma característica das sociedades civilizadas. Isso, em parte, determina o desenvolvimento dos livros e do teatro, e influencia, de maneira decisiva, o papel do cinema em nosso mundo. Essa transformação do prazer que outrora se

manifestava como expressão ativa e agressiva num prazer mais passivo e contido do espectador (i.e., o prazer pelo olho) iniciava-se através dos preceitos condicionantes dirigida aos jovens... É altamente característico de pessoas civilizadas que por preceitos de auto-controle inculcados, evitem tocar o que desejam, amam ou detestam (ELIAS, 2000: 170).

O tabu de tocar a bola para todos os jogadores com exceção do goleiro tornou-se, evidentemente, a maior característica diferenciadora da atual forma do futebol. Permita-me explicar como e porque. O processo que vou descrever é o tema do livro de 1979, *Bárbaros, senhores e jogadores*, de minha autoria junto com Kenneth Sheard (2ª edição, 2004).

Como sugeri anteriormente, as formas modernas de futebol sucedem determinados jogos populares medievais ou do início da modernidade que eram praticados de acordo com os costumes locais, ao invés de seguirem regras escritas e burocraticamente estabelecidas por uma instituição reguladora nacional ou internacional. Estes jogos eram realizados em campo aberto ou nas ruas de pequenas cidades, ao invés de acontecerem num estádio ou em área especificamente marcada ou delimitada. Eles eram jogados, não entre times no sentido moderno, mas entre os representantes de grupos ocupacionais como solteiros contra homens casados, ou grupos que representavam cidades ou bairros das cidades. Há também registros de partidas de mulheres solteiras contra mulheres casadas. Não houve tentativa, entretanto, para que os números entre os diferentes lados fossem equalizados. Mãos, assim como pés e algumas vezes pedaços de pau podiam ser usados para controlar e propelir a bola, e cada lado tinha que transportar a bola para o que era estabelecido por hábito como o gol.

A evidência da existência destes jogos consiste

de duas fontes principais: proibições por parte do Estado e das autoridades locais e descrições de jogos populares similares tais como o *hurling* da Cornualha e o *knappan* do País de Gales. Optei por ilustrar tais jogos e o furor que provocavam a partir de um relato de Chester que Morris Marples data de 1533 e Percy Young, de 1539. O relato foi escrito pelo Arquidiácono Robert Rogers (morto em 1595), num ensaio intitulado “Sobre os louváveis exercícios anualmente praticados dentro da cidade de Chester”. Escolhi este trecho por ser extremamente interessante do ponto de vista sociológico, entre outras razões por ser um exemplo primordial em que pessoas aceitaram aquilo que sociólogos denominam “substituto funcional” ou “alternativa funcional”²⁶ relativo a uma atividade que as autoridades da época desejavam banir. O relato dá conta do seguinte:

Como a companhia e a corporação dos sapateiros da cidade de Chester fazem anualmente, isto é, feriado em memória do homem, na terça-feira, no cruzamento da Rua Dee, diante do prefeito da dita cidade, eles ofereceram à companhia dos vendedores de roupas da dita cidade, uma bola de couro, chamada de futebol, no valor de mais ou menos 3 shillings e 4 pence: e por razão da grande disputa que surgiu entre os jovens da mesma cidade (pois diversos grupos foram formados para levar a dita bola, com mãos fortes e com força, para uma das três casas, quer dizer, a casa do prefeito ou a casa de qualquer um dos dois xerifes) grande dano foi causado, seja na grande massa que parecia em transe, seja naqueles que tiveram seus corpos machucados e feridos; alguns tiveram seus braços, cabeças e pernas quebrados, e alguns ficaram inválidos e outros ficaram à beira da morte; para impedir tais inconvenientes, e também para formar e converter a dita

homenagem em melhor uso; foi proposto pelo prefeito da dita cidade, e pelo conselho municipal, trocar a dita bola como se segue: que no lugar dela serão oferecidos pelos sapateiros aos vendedores de roupas seis dardos²⁷ de prata, dos quais eles apondariam os homens que os receberiam... (citado em YOUNG, 1966)

O Prefeito de Chester na época era Henry Gee, e a alternativa funcional por ele instituída para substituir o jogo *hooligan* do futebol foi uma corrida. Segundo Marples, o Prefeito Gee também inaugurou uma corrida de cavalos, hoje tida como a origem das atuais Corridas de Chester, e ainda instituiu prêmios para competições de tiro (MARPLES, 1954: 46). Em outras palavras, desta forma, o que era em outros relatos da época descrito como "as três atividades e práticas mais louváveis similares a feitos de guerra" foi estabelecido como evento esportivo anual em Chester, notadamente corridas, hipismo e tiro (MARPLES, 1954: 46). Presumivelmente, mesmo cientes de que o Rei Henrique VIII teria jogado futebol em sua juventude, imagino que esse fato o tenha deixado satisfeito. Contudo, conforme sugerido neste relato de Elias, um dos grandes impulsos ao desenvolvimento do esporte moderno foi torná-lo menos similar aos combates de guerra, característica de seus jogos predecessores. As escolas privadas e universidades tiveram papel importante nesse "processo de civilização". Este é o tema que abordarei agora.

As formas populares de futebol eram combatidas pelas autoridades, pelo menos desde 1314, quando concomitantemente a outras atividades de lazer foram banidas em nome de Eduardo II. Alegava-se que ameaçavam a ordem pública e prejudicavam o alerta nacional de guerra, uma vez que as pessoas deixavam de praticar arco e flecha (DUNNING 1999).

Entretanto, como hoje prova o hooliganismo dos espectadores, os costumes foram mais fortes que a lei em relação a essas formas de jogos, e somente no início do século XIX as formas populares de futebol começaram não a desaparecer, mas a se tornar culturalmente marginalizadas (DUNNING and SHEARD, 1979: 21ss).

Em fins do século XVIII, início do século XIX, formas distintas de futebol eram jogadas por dois grupos: pelos times locais associados aos *pubs* (HARVEY, 2001) e pelos jovens das principais escolas privadas. As partidas dos *pubs* eram jogadas a dinheiro, ou serviam de ponto para apostas. Como demonstrado por Elias (em ELIAS e DUNNING, 1986), no que se refere ao boxe e ao críquete, o elemento pecuniário levou a certo grau de regularização, e as partidas passaram a ser disputadas por times não com determinado número de participantes, mas por times com igual número de participantes (três de cada lado, nove de cada lado, onze de cada lado, quinze de cada lado, ou até mesmo 20 de cada lado). Contudo, conforme já mencionado, foi nas escolas privadas e universidades – particularmente na de Cambridge, por razões ainda não inteiramente esclarecidas – que as formas modernas de futebol surgiram. A esse respeito, podemos inferir que tanto um processo civilizador quanto um correspondente processo de competição por status não-violento estavam em formação. Deixem-me elaborar mais um pouco sobre o tema.

Inicialmente criadas como instituições de caridade para prover educação aos meninos pobres, as escolas privadas se transformaram ao longo dos séculos XVIII e XIX em internatos para as classes médias e altas. Pelo menos duas conseqüências diretas se sucederam dessa apropriação das elites: a primeira refere-se ao fato de que a disparidade de

classes numa escola em que professores de classe média eram encarregados de educar jovens que frequentemente provinham de um estrato social superior ao dos primeiros, implicava o fato de que muitas vezes os mestres não eram capazes de evitar alguma forma de auto-governo por parte dos meninos: refiro-me ao sistema *prefect-fagging*²⁸. A segunda era que essa discrepância de poder e status, levava a problemas crônicos de disciplina nas escolas, algumas vezes tomando até a forma de rebelião declarada (DUNNING and SHEARD, 1979; DUNNING, 1999).

Os esportes, incluindo o futebol, eram um dos meios empregados pelos mestres para lidar com os problemas de disciplina. Todavia, as formas de futebol das escolas privadas eram, inicialmente, tão selvagens e desregradas quanto as populares. Daí, as limitações de seus efeitos pedagógicos. Aliás, nas escolas privadas, a agressividade do futebol se exacerbava. Nelas, o jogo acabou se tornando um meio dos alunos mais velhos provarem a superioridade sobre os mais jovens. Uma das tarefas típicas dos *fags* (os meninos mais jovens) era o que se chamava de *fagging out*. Isso significava que os *fags* eram obrigados pelos meninos mais velhos, a jogarem em posições restritas a manterem o gol. Assim, eram obrigados a se perfilarem na linha de fundo. Outrossim, temos informações dando conta de que em Westminster, no início do século XIX, os meninos pequenos, os mais lerdos e os *funk-sticks* faziam as vezes dos *goalkeepers* (goleiros), doze a quinze em cada extremidade do campo. *Douling*, como se denominava o futebol em Shrewsbury, era a mesma palavra usada para descrever o *fagging*. Trata-se de uma expressão derivada da palavra grega que significa “escravo”. Em Winchester, ainda no início do século XIX, meninos (*fags*), um em cada extremidade,

substituíam os gols, sendo que a bola tinha que ser chutada entre as pernas abertas do menino para marcar gol. Meninos enfileirados também serviam para demarcar os limites do campo.

O manuseio da bola, bem como os chutes, era permitido em todas as escolas privadas a essa altura. Todas as formas de futebol nelas jogadas eram violentas. Por exemplo, no futebol de campo em Charterhouse, “frequentemente jogadores quebravam as canelas visto que muitos usavam sapatos protegidos com pontas de aço, e se orgulhavam de dar mais do que de levar (caneladas)!”. Botas protegidas com pontas metálicas também eram usadas no *Rugby* onde eram chamadas de *navvies*. De acordo com um registro de 1920, as *navvies* tinham uma sola muito grossa cujo perfil, na altura do dedão, se assemelhava ao aríete da proa de um encouraçado (DUNNING and SHEARD, 1979, 2004; DUNNING, 1999).

As regras escritas do futebol foram inicialmente formuladas em Rugby em 1845. Rugby, sob o comando de Thomas Arnold, fora também a primeira escola privada onde uma reforma efetiva do sistema de *prefect-fagging* foi realizada. Eram desenvolvimentos civilizadores: a reforma do sistema de *prefect-fagging* por que reduzia o poder arbitrário dos mais velhos em relação aos mais jovens; a codificação e regularização do futebol, pois esses processos tinham o objetivo de abolir o uso dos *navvies* e de reduzir a violência de práticas tais como as caneladas e as entradas violentas/carrinhos. Também há razões para se crer que a reforma da prática de *prefect-fagging* fora pré-condição para a reforma do futebol na escola.

A segunda escola privada a codificar suas regras de futebol no papel foi Eton, em 1847. Suas regras foram, em muitos aspectos, diametralmente opostas àquelas de Rugby onde carregar a bola e pontuar ao chutar a gols em forma de H foram instituídas em

1845. A título de exemplo, uma das regras de 1847, em Eton, estipulava: “mãos só podem ser usadas para parar a bola, ou tocá-la quando atrás. A bola não deve ser carregada, jogada ou atingida pela mão”. Essas regras podem ser vistas como as regras embrionárias do “futebol” (DUNNING, 1999).

Por que teriam os garotos de Eton criado tal jogo? Sob a direção de Arnold, a fama da Escola Rugby começara a se espalhar e, com ela, a fama de seu futebol. Os garotos de Rugby, encorajados pelo corpo docente, procuravam, parece razoável supor, chamar atenção para si, ao desenvolverem um jogo próprio. Pareceria igualmente provável que ao desenvolverem uma forma de futebol também própria, porém em muitos aspectos diametralmente distinta do jogo de Rugby, os etonianos estivessem deliberadamente tentando colocar os esnobes rugberianos no seu lugar. Como mencionei anteriormente, segundo Elias (2000), a competição de status, entre grupos da classe alta e da classe média ascendente, teve um importante papel nos processos civilizadores da Europa.

Particularmente, nas “fases da colonização” membros da última adotariam as maneiras e padrões da primeira, levando os grupos das classes superiores, em “fases de repulsa”, a desenvolverem, como meios de demarcação de status e exclusão, padrões mais refinados, incluindo a exigência de um auto-controle cada vez maior. As mãos estão entre os instrumentos corporais mais importantes dos seres humanos e, ao imporem um tabu quase absoluto ao seu uso no jogo, os etonianos estavam estabelecendo que os jogadores aprendessem a exercer um auto-controle de elevado naipe. Hoje, em uma sociedade na qual o futebol faz parte do dia a dia, e na qual as crianças aprendem desde pequenas a chutar a bola e não usar as mãos, isso não parece ser uma exigência muito difícil. Todavia, quando foi introduzida pela primeira vez, deve ter

sido o equivalente a equilibrar ervilhas na parte de trás de um garfo. De fato, ouvimos falar que quando os etonianos e outros tentaram apresentar o jogo “sem mãos” a membros do proletariado, estes eram convidados a jogar segurando um *shilling* em cada mão, podendo ficar com o mesmo se conseguissem não usar suas mãos durante todo o jogo!

Um apoio em defesa da hipótese de competição de status vem do fato de a rivalidade entre Eton e Rugby ser um importante eixo das tensões do futebol em Cambridge, em meados do século XIX (DUNNING, 1999). Por exemplo, sabemos que em 1848, no Trinity College, “o pessoal de Eton protestava aos gritos contra o pessoal de Rugby por usarem as mãos”. Eles consideravam evidentemente tal prática vulgar. As regras sérias do futebol foram formuladas em Cambridge entre 1837 e 1842, em 1846, em 1848 e por volta de 1856 e 1863. Os estudantes do Trinity College, provenientes de Eton, foram predominantes nas formulações dessas regras, com destaque para aquelas do ano de 1863 (CURRY, 2001). Tais regras baseavam-se principalmente no “Jogo de Campo de Eton” e formavam o conjunto de estipulações sobre as quais foram erguidas as primeiras regras da Football Association (FA), igualmente em 1863.

Nos anos de 1850 e 1860 o Rugby se espalhou mais ampla e rapidamente do que o futebol. Contudo, isso mudou, em 1871-1872, com a introdução da copa FA que aumentou a popularidade do futebol e o jogo tornou-se, imediatamente, predominante na classe trabalhadora, e profissional nos níveis mais altos. Essa reversão de status entre o futebol e o *rugby* fez com que um mestre do Oxbridge College descrevesse o futebol, numa conhecida passagem, como: “um jogo para senhores cavalheiros jogado por hooligans” e o *rugby* como “um jogo para hooligans jogado por cavalheiros”.

Finalmente, dirigirei minha atenção à pesquisa figuracional do hooliganismo, e porque esse fenômeno criou raízes tão fortes no futebol.

A abordagem figuracional do hooliganismo no futebol não constitui uma “super teoria” que explica tudo sobre o fenômeno. Ela pode ser considerada uma base a partir da qual se pode construir conhecimento. Tem como características basear-se numa síntese de psicologia, sociologia e história, além de envolver uma exploração dos significados do comportamento *hooligan* para os próprios *hooligans*. A esse respeito, a análise de uma série de depoimentos de hooligans feitos há mais de 30 anos revelou que, para os jovens envolvidos, as brigas dos hooligans no futebol estão relacionadas, sobretudo, à masculinidade, à disputa territorial e à emoção. Para eles, a briga é uma fonte central de significado, status ou “reputação” e uma prazerosa incitação emocional. Eles se referem ao respeito entre seus camaradas que o engajamento *hooligan* provoca, à “emoção da briga”, à “instigação da adrenalina” e à “violência”, como quase

sendo estimulantes eróticos. Efetivamente, Jay Allan – um membro líder dos “Aberdeen Casuals”, uma torcida *hooligan* do futebol escocês – descreveu as brigas no futebol, em 1890, como mais prazerosas, até, do que o sexo (ALLAN, 1989). O escritor americano Bill Bulford, que viajou com *hooligans* do futebol inglês na década de 1980, descreveu o fenômeno assim: “... a violência é uma das experiências mais intensamente vividas e, para aqueles capazes de se entregarem a isso, é um dos prazeres mais intensos... a violência de massas era a droga deles” (BULFORD, 1991: 201).

A tabela a seguir sintetiza o que é sabido a respeito das classes ocupacionais dos *hooligans* ingleses empregados e a tendência entre 1968 e 1987. Pesquisa sobre a classe social dos *hooligans* na Escócia (HARPER, 1989), Bélgica (VAN LIMBERGEN *et al.* 1987), Holanda (VAN DER BRUG, 1986) e Itália (ROVERSI, 1994) indica que os *hooligans* de outros países vêm de um meio social similar, mas não idêntico, àqueles de seus correspondentes ingleses.

Tabela

Tendências nas classes ocupacionais de *hooligans* ingleses empregados, 1968-1998*

Classe ocupacional	Harrington, 1968	Dunning et al., 1988	Armstrong, 1995
	Nr %	Nr %	Nr %
Profissional	2 0.5**		3 2.1
Intermediário		8 5.7	7 4.9
Com habilidades não manuais	19 4.9	2 1.42	24 16.8
Com habilidades manuais	50 12.9	34 24.1	67 46.8
Com poucas habilidades	112 28.8	10 7.0	14 9.8
Sem habilidades	206 52.9	25 17.7	28 19.6

Fonte: Dunning, Eric (2000)

*Os dados excluem alunos do ensino médio, aprendizes, desempregados e aqueles com ocupações não classificadas no esquema de Registro Geral.

** Profissional e intermediário foram classificados juntos.

O fato de a desordem do espectador violento ocorrer mais frequentemente no futebol que em qualquer outro esporte seria, portanto, em parte, função

da composição social das multidões que atrai. O futebol é o esporte de equipe mais popular do mundo, a maioria de seus espectadores são homens e vêm das

faixas mais baixas da escala social, isto é, de meios sociais onde as normas, quando comparadas às das classes médias e altas, tendem a legitimar uma maior incidência de agressividade, bem como, de violência no cotidiano²⁹. Mais especificamente, muitos homens das classes mais baixas tendem a desenvolver um *habitus* e maneira de apresentar-se ao mundo mais violenta e agressiva. Isso envolve um complexo código comportamental adquirido que, entre outros elementos, decorre fundamentalmente de: (a) um padrão precoce de socialização caracterizado pelo recurso fácil à violência por parte dos pais e irmãos; (b) socialização nas ruas entre adolescentes, ex: em "gangues de adolescentes" (DUNNING *et al.*, 1988); e (c) rejeição e ressentimento relativo aos valores escolares pedagogicamente aprovados (PAUL WILLIS, 1977). Nessas figurações, por serem a habilidade e a vontade de lutar critérios para integração e prestígio no grupo, isto é, para que esses indivíduos se enxerguem e sejam vistos no seu 'status' de homem/macho, eles aprendem a associar a instiga da adrenalina em situações de lutas, a sentimentos calorosos, gratificantes e prazerosos, ao invés de a sentimentos de culpa e ansiedade, que geralmente acometem a maior parte da sociedade quando testemunha a violência real (em oposição à "mimética").

Esse tipo de *habitus* violento tende a se reforçar à medida que esses homens vivem e trabalham em contextos caracterizados pelo elevado nível de segregação baseado em gênero e idade. Isto se deve à relativa ausência da presença "suavizante" feminina, bem como à ausência da presença ponderada dos homens de mais idade. Além disso, na maioria das sociedades, os grupos que ocupam posições mais baixas na escala social, são menos propícios a serem altamente individualizados e mais propícios a formarem intensos laços de identificação no modelo "nós-grupo" (ELIAS,

1978: 134-138) levando a uma hostilidade igualmente intensa em relação aos "de fora" (ELIAS, 1994).

O contrário seria o caso dos grupos mais poderosos, auto governados e inibidos que se situam em posição social mais elevada. Num jogo de futebol, é claro, os "de fora" são o time adversário e seus torcedores, e, em alguns casos, os juizes e bandeirinhas. O futebol tende a ser escolhido por esses grupos como um contexto para se brigar por que trata também de masculinidade, territorialidade e emoção. Dado um padrão de viagens para partidas fora de casa, o jogo também fornece regularmente um conjunto pronto de oponentes contra os quais lutar. Além disso, grandes multidões criam um contexto em que é possível o indivíduo comportar-se violentamente e de outras maneiras desviantes com boas chances de não ser detectado ou preso.

Dito isso, seria errado enxergar o hooliganismo no futebol como função sempre e em todo lugar, apenas ou principalmente da classe social. Nem mesmo a Inglaterra e o resto do Reino Unido escapam de ter seus *hooligans* de classe média e classe alta. Ademais, como proposta para uma próxima pesquisa, seria razoável supor, por hipótese, que o problema é também moldurado e incitado, *ceteris paribus*, pelo que se pode chamar das grandes linhas de tensão de certos países. Na Inglaterra, isto seriam as diferenças e desigualdades regionais e de classe; na Escócia e na Irlanda do Norte, o sectarismo religioso; na Espanha, o sub-nacionalismo com base, em parte, no idioma dos catalões, castelhanos e bascos; na Itália, particularismos entre as cidades e talvez a divisão entre Norte e Sul expressa na "Liga Norte"; e na Alemanha, relações entre as gerações (HEITMEYER e PETER, 1992; ELIAS, 1996) e entre a Alemanha Oriental e a Alemanha Ocidental. Linhas de tensões religiosas, sub-nacionais, entre cidades, regionais, e entre

gerações podem seduzir mais pessoas de altas classes ao hooliganismo [em outros países]³⁰ do que na Inglaterra.

É indiscutível, entretanto, que uma característica comum de todas essas linhas de tensão – e, é claro, cada uma pode se sobrepor e interagir com as demais em uma variedade de combinações complexas – é que elas correspondem ao que Elias (1994) chamava de “figurações estabelecidas em relação aos de fora”, isto é, formações sociais que envolvam fortes laços “nós grupo” (“nós/nosso grupo”) e um antagonismo proporcionalmente inverso em relação aos “de fora” ou “grupos deles/eles”.

O vínculo do hooliganismo com o futebol é também, em parte, função da grande exposição que o jogo tem na mídia global. Outros jogos não recebem tanta cobertura da mídia, assim, a violência que os acompanha não é tão publicamente aparente. A mídia também tende a gerar mitos e isso, igualmente, contribui para a percepção pública. Por exemplo, dos últimos anos da década de 1920 até meados da década de 1960, a ocorrência do hooliganismo no futebol nas Américas Central e do Sul, na Europa Continental (em especial nos países latinos), na Escócia, no País de Gales e na Irlanda do Norte, foi regularmente registrada pela imprensa inglesa, em conjunto com declarações de que tal comportamento “não poderia acontecer na Inglaterra”. Todavia, o comportamento desordeiro nas partidas de futebol na Inglaterra, já era freqüente antes da Primeira Guerra Mundial e nunca se extinguiu por completo (DUNNING *et al.*, 1988: 32-90). Os anos sessenta foi o período no qual as formas atuais do hooliganismo no futebol inglês e a cobertura da mídia, que às vezes beirava o pânico moral, começaram a surgir.

Como conclusão, é preciso deixar uma coisa perfeitamente clara. Não considero meu argumento

sobre as “linhas de tensão” como pressuposto com validade além de hipóteses de trabalho. Elas precisam ser submetidas a uma discussão crítica e aberta que seja, ao mesmo tempo, pública e justa. Mais do que tudo, elas precisam ser testadas por meio de pesquisas empíricas de âmbito nacional sistematicamente balizadas por teoria. Indubitavelmente terão de ser revisadas, expandidas, modificadas e talvez até mesmo completamente rejeitadas. É minha esperança, entretanto, que possam servir de plataforma para o desenvolvimento de um programa de pesquisa nacional relativo ao hooliganismo no futebol, contribuindo para uma compreensão ampliada do assunto e criando uma base para a formulação de políticas mais efetivas de combate ao problema ao redor do globo, assim como em níveis europeu e nacional. Tais políticas precisam urgentemente ser implementadas se a grande invenção social do futebol tiver que ser protegida da séria ameaça atualmente posta pela combinação de torcedores hooligans, políticos complacentes, hiper-comercialização e donos de clubes, diretores e jogadores gananciosos, que são, algumas vezes, corruptos, e anômicos.

Notas

- 1 Como será discutido neste artigo, uma forma violenta do futebol popular foi reprimida em Chester, uma cidade no noroeste inglês, e supostamente substituída com sucesso pela corrida a pé, corrida a cavalo e torneios de arco.
- 2 Gostaria de aproveitar esta oportunidade para expressar minha sincera gratidão a Pat Murphy, Ken Sheard e Ivan Waddington. Nos anos em que trabalhamos juntos eles me ajudaram de maneiras diferentes e não apenas academicamente. Sou muito grato a eles.
- 3 Elias estabeleceu suas distintas, e, a meu ver, em sua maioria, visões corretas de uma sociologia mais profunda em *What is Sociology?* (1978).
- 4 É claro que são os marxistas que explicam a estrutura social e a mudança social de maneira reducionista ao se referirem à idéia de propriedade dos meios de produção ou “forças econômicas”. Max Weber adicionou o controle dos meios de violência à equação. Entretanto, Elias rejeitou ambos, tanto

- o “fator teorizante” quanto a idéia de que explicações *Law-like* rotuladas de “lei” sejam adequadas em relação ao nível social da realidade. Ele preferiu o que chamava de “estrutura e explicações de processos”.
- 5 Enquanto Elias e Dunning usavam a teoria dos processos civilizadores em relação ao estudo sociológico do esporte, Johan Goudsblom (1992) assim o fez em relação ao estudo do fogo, Stephen Mennell (1987) segue a tendência no que se refere ao estudo da comida e Jason Hughes (2003) com o estudo do fumo.
 - 6 A esse respeito, depreende-se logicamente, que uma sociedade que vai ficando mais pobre, ou onde o Estado perde o seu monopólio da violência e sobre os tributos, sofrerá experiências “des-civilizadoras” e talvez um processo “des-civilizador” de magnitude e duração maior ou menor.
 - 7 Norbert Elias and Eric Dunning, *Quest for Excitement: Sport and Leisure*, in *The Civilizing Process* (1986); Eric Dunning, *Sport Matters: sociological studies of sport, violence and civilization* (1999).
 - 8 Eric Dunning and Kenneth Sheard, *Barbarians, Gentlemen and Players: a sociological study of the development of rugby football* (1979, 2004).
 - 9 Eric Dunning, Patrick Murphy and John Williams, *The Roots of Football Hooliganism* (1988); Patrick Murphy, John Williams and Eric Dunning, *Football on Trial* (1989); Eric Dunning, Patrick Murphy, Ivan Waddington and Antonios Astrinakis (eds), *Fighting Fans: Football Hooliganism as a World Phenomenon* (2002).
 - 10 Joseph Maguire, *Global Sport: identities, societies, civilizations* (1999); “Sport and Globalization” in Jay Coakley and Eric Dunning (eds), *Handbook of Sport Studies* (2000).
 - 11 Eric Dunning, (1999) “Sport, Gender and Civilization”, capítulo nove in *Sport Matters*, Routledge, London.
 - 12 Eric Dunning, “Sport in the Process of Racial Stratification: the case of the USA”, chapter eight in *Sport Matters* (1999).
 - 13 Ivan Waddington (2000), *Sport, Health and Drugs*, London, E. & F.N. Spon.
 - 14 Eric Dunning and Kenneth Sheard, (1979), *Barbarians, Gentlemen and Players*, Oxford, Martin Robertson; re-issued in 2004 with a new appendix, by Routledge, London.
 - 15 Dominic Malcolm (2004), “Cricket: Civilizing and De-Civilizing Processes in the Imperial Game” in Dunning, Malcolm and Waddington (eds), *Sport Histories*.
 - 16 Ken Sheard (2004), “Boxing in the Western Civilizing Process”, in Dunning, Malcolm and Waddington, eds, op. cit.
 - 17 Daniel Bloyce (2004), “Baseball: Myths and Democratization”, in Dunning, Malcolm and Waddington, op. cit.
 - 18 Tansin Benn and Barry Benn (2004), “After Olga: Development in Women’s Artistic Gymnastics Following the 1972 “Olga Korbut Phenomenon”, in Dunning, Malcolm and Waddington (eds), op. cit.
 - 19 Alex Twitchen (2004), “The Influence of State Fornication Processes on the Early Development of Motor Racing”, in Dunning, Malcolm and Waddington (eds), op. cit.
 - 20 Stuart Smith (2004), “Clay Shooting: Civilization in the Line of Fire” in Dunning, Malcolm and Waddington (eds), op. cit.
 - 21 Koichi Kiku (2004), “The Development of Sport in Japan: Martial Arts and Baseball”, in Dunning, Malcolm and Waddington (eds), op. cit.
 - 22 O Departamento de Sociologia de Leicester era muito engajado naqueles dias. Um dos tópicos mais discutidos entre os estudantes e corpo docente era a posição de Norbert Elias ao que era chamado de “developmental sociology”. Eu me lembro mais especificamente de dois debates acalorados, mas “civilizados” e construtivos entre Norbert e John Goldthorpe e Norbert e Percy Cohen. Tanto Goldthorpe quanto Cohen usaram a obra de Karl Popper (1957) *The poverty of historicism* (London Routledge) como a base teórica para atacar Elias. Fui inspirado a ler *The poverty of historicism* muito cuidadosamente e escrever mais tarde “*In defence of developmental sociology: a critique of popper’s poverty of historicism, with Special Reference to the theory of Auguste Comte*”, *Amsterdams Sociologisch Tijdschrift*, vol. 4, no. 3, 1977: 327-349. Reprinted in Eric Dunning and Stephen Mennell (2003) (eds), Norbert Elias, London, Sage.
 - 23 Greg Stone foi um dos pioneiros da sociologia do esporte e teve um papel ativo na primeira fase do Comitê Internacional da Sociologia do Esporte (hoje a Associação Internacional da Sociologia do Esporte).
 - 24 Bastante relevante entre esses livros foi *Athletics and Football*, 1887, de Montagu Shearman. London; Francis P. Magoun, 1938, *A history of football from the Beginnings to 1871*, Cologne; and Morris Marples, 1954, *A history of football*, London.
 - 25 A tese de Ken Sheard está incorporada, junto com a minha, em nosso *Barbarians and players* (1979; 2004). A tese de Ken foi intitulada de *Rugby Football: a Study in Developmental Sociology*, Leicester, 1971. Minha tese foi intitulada *Early Stages in the Development of Football: an Account of Some of the Sociological Problems and the Development of a Game*, Leicester, 1961.
 - 26 R.K. Merton, (1957), *Social theory and social structure*, New York, the Free Press.
 - 27 No original, “gleaves”, palavra do inglês arcaico, de origem francesa. Atualmente, o termo utilizado é “javelin”, o tipo de dardo usado nas Olimpíadas, que é arremessado à distância (Nota do revisor técnico).
 - 28 Nota do tradutor: O fenômeno d e *fagging*, desconhecido no Brasil, refere-se a um costume que talvez tenha suas ra-

izes na Idade Média e, na Inglaterra, chegou até o início do século XX. Trata-se de um arranjo em que os alunos mais novos eram obrigados a servir os mais velhos. A contrapartida era uma forma de tutoramento e até proteção contra o que hoje seria reconhecido como bullying.

29 Os membros destes grupos são mais susceptíveis a se conformarem em público (embora não necessariamente em privado) em relação às normas oficiais, em grande parte por que eles têm mais a perder do que as pessoas mais abaixo na escala social.

30 Ênfase do tradutor.

Bibliografia

- Adrian Harvey (2001), "An Epoch in the Annals of National Sport" Football in Sheffield and the Creation of Modern Soccer and Rugby, *International Journal of the History of Sport*, Vol 18, no 4: 53-87.
- Alex Twitchen (2004), "The Influence of State-Formation Processes on the Early Development of Motor Racing", in Dunning, Malcolm & Waddington (orgs.), *Sport Histories*, *op.cit.*
- Bill Bulford (1991), *Among the Things*, Londres: Secker and Woburg.
- Daniel Bloyce (2004), "Baselball: Myths and Democratization", in Dunning, Malcolm and Waddington, *op. cit.*
- Dominic Malcolm (2004), "Cricket: Civilizing and De-Civilizing Processes in the Imperial Game" in Dunning, Malcolm and Waddington (orgs.), *Sport Histories*, *op. cit.*
- Emile Durkheim (1938), *The Rules of Sociological Method*. Chicago: University of Chicago Press.
- Emile Durkheim (1964), *The Division of Labour in Society*. Nova York: Free Press.
- Eric Dunning & Kenneth Sheard (1979), *Barberians, Gentlemen and Players: a Sociological Study of the Development of Rugby Football*. Oxford: Martin Robertson. (Reprinted in 2004, with a new appendix, by Routledge, Londres).
- Eric Dunning (1969), *Early Stages in the Development of Football: an Account of Some of the Sociological Problems in the Development of a Game*, unpublished MA thesis, University of Leicester.
- Eric Dunning (1977), "In Defence of Developmental Sociology: a Critique of Popper's *Poverty of Historicism*, with special reference to the Theory of Auguste Comte". *Amsterdams: Sociological Tidschrift*, vol. 4, no. 3: 327-349.
- Eric Dunning (1999), *Sport Matters: Sociological Studies of Sport, Violence and Civilization*. Londres: Routledge.
- Eric Dunning, Dominic Malcolm & Ivan Waddington (orgs.) (2004), *Sport Histories: Figurational Studies of the Development of Modern Sports*. Londres: Routledge.
- Eric Dunning, Patrick Murphy & John Williams (1988), *The Roots of Football Hooliganism*. Londres: Routledge.
- Eric Dunning, Patrick Murphy, Ivan Waddington & Antonios Astrinakis (orgs.) (2002), *Fighting Fans: Football Hooliganism as a World Phenomenon*. Dublin: UCD Press.
- Francis P. Magoun (1938), *A History of Football From the Beginnings to 1871*. Colônia: Kölner Anglistische Arbeit.
- Graham Curry (2001), *Football: a Study in Diffusion*. unpublished PhD thesis: University of Leicester.
- Gregory P. Stone (1955), "American Sports: Play and Display". *Chicago Review*, IX, Fall: 83-100.
- Ivan Waddington (2000), *Sport, Health and Drugs: a Critical Sociological Perspective*. Londres: E & FN spon.
- Jason Hughes (2003), *Learning to Smoke*. Chicago: University of Chicago Press.
- Jay Allan (1989), *Bloody Casual*. Glasgow: Famedram.
- Johan Goudsblom (1992), *Fire and Civilization*. London: Allen Laue, the Penguin Press.

- Joseph Maguire & Kevin Young (orgs.) (2002), *Theory, Sport and Society*. Amsterdam: Elsevier.
- Joseph Maguire (1999), *Global Sport: Identities, Societies, Civilizations*. Oxford: Polity.
- Karl R. Popper (1957), *The Poverty of Historicism*. Londres: Routledge and Kegan Paul.
- Kenneth Sheard (1972), *Rugby Football: a Developmental Study*, unpublished M. Phil. Thesis, University of Leicester.
- Kenneth Sheard (2004), "Boxing in the Western Civilizing Process", in Dunning, Malcolm and Waddington (orgs.), *Sport Histories*, *op. cit.*
- Koichi Kiku (2004), "The Development of Sport in Japan: Martial Arts and Baseball" in Dunning, Malcolm & Waddington (orgs.), *Sport Histories*.
- Montagu Shearman (1887), *Athletics and Football*. Londres: the Badminton Library.
- Morris Marples (1954), *A History of Football*. Londres: Secker and Warburg.
- Norbert Elias & Eric Dunning (1986), *Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process*. Oxford: Blackwell.
- Norbert Elias & John Scotson (1994), *The Established and the Outsiders*. 2a. edição, Londres: Sage.
- Norbert Elias (1978), *What is Sociology?* Londres: Hutchinson.
- Norbert Elias (1996), *The Germans: Studies of Power Struggles and the Development of Habitus in the Nineteenth and Twentieth Centuries*. Oxford: Polity.
- Norbert Elias (2000), *The Civilizing Process*. Oxford: Blackwell.
- Patrick Murphy, John Williams & Eric Dunning (1990), *Football on trial: Spectator Violence and Development in the Football World*. Londres: Routledge.
- Paul Willis (1977), *Learning to Labour: How Working Class Kids Get Working Class Jobs*. Londres: Saxon House.
- Robert K. Merton (1949), *Social Theory and Social Structure*. Nova York: the Free Press.
- Stephen Mennell (1985), *All Manners of Food: Eating and Taste in England and France from the Middle Ages to the Present*. Oxford: Blackwell.
- Stuart Smith (2004), "Clay Shooting: Civilization in the Line of Fire", in Dunning, Malcolm & Waddington (orgs.), *Sport Histories*, *op. cit.*
- Tansin & Barry Benn (2004), "After Olga: Developments in Women's Artistic Gymnastics Following the 1972 Olga Korbut Phenomenon" in Eric Dunning, Dominic Malcolm and Ivan Waddington (orgs.), *Sport Histories*.
- Wilhelm Heitney & Jörg Peter (1992), *Jugendliche Fussballfans*, Weinheim, Munique: Juventa.

Tradução: **Gregor Guedes Alcoforado**

Revisão técnica da tradução: **Jorge Ventura de Morais**

Janeiro de 2011

(Recebido para publicação em janeiro de 2011. Aceito em fevereiro/11).